

# HAPPILY EVER AFTER

Jasmine Lazzari chegou a Portugal em 2000, e após anos a trabalhar com marcas de luxo, embarcou num projeto ambicioso: criar casamentos absolutamente idílicos para noivos com expectativas altíssimas. A *wedding e event planner* dedica-se a criar momentos memoráveis que são o ponto de partida para o “e viveram felizes para sempre.” Nesta entrevista, conta-nos como o faz — revelando ainda alguns conselhos preciosos para quem se vai casar em breve. *Por Maria Inês Pinto.*

**E**studou música em Londres, mas foi no mundo dos eventos — em especial a criar casamentos excecionais — que construiu uma carreira de renome. Jasmine Lazzari conta-nos que ser *wedding planner* se assemelha a ser maestrina, criando casamentos perfeitamente orquestrados, numa sinfonia onde todas as notas convivem harmoniosamente. Antes disso, passou por algumas agências que trabalhavam marcas de luxo, em Londres e Lisboa (de Hermès a Burberry ou Cartier), onde aprendeu tudo sobre o mercado. Mais tarde decidiu criar um projeto seu, sem se sobrepor ao que por cá já existia. E foi aí que percebeu que havia uma enorme lacuna no país: “Não existia uma empresa que tivesse um perfil internacional para criar o que hoje se chama de “*destination weddings*”, casamentos de pessoas que não vivem em Portugal, que têm um excelente orçamento e que se querem casar num palácio ou num outro sítio em Portugal.”

O primeiro grande evento de Jasmine Lazzari foi para um cliente dos Estados Unidos, que tinha uma casa particular em Évora, e inaugurou a quinta com um espetáculo equestre. Por aqui, achou-se que o evento tinha sido planeado por uma empresa nova-iorquina porque em Portugal não se conhecia ninguém com esse tipo de

olhar. Foi o *background* de Lazzari, por ter uma experiência internacional e vir de uma sociedade menos tradicional, que lhe deu uma visão mais ampla acerca do que esperavam clientes de Nova Iorque, Los Angeles ou Londres — e, com esta perspetiva diferenciada, começou o projeto The Wedding Co. “Sou pioneira na área, e sou a primeira *luxury wedding planner* de Portugal”, responsável por criar muitos casamentos de manequins portugueses, figuras públicas e estrelas de Hollywood. “Sempre tive o foco de pôr Portugal no mapa, como está Itália, ou como sempre estará o Sul de França. Portugal está a crescer imenso. Agora temos uma comunidade enorme de *wedding planners*, principalmente mulheres, o que me deixa muito feliz”, conta-nos numa manhã soalheira de fevereiro, entre uma mesa repleta de convites de casamento espetaculares e uma coleção de *coffee table books* de fazer inveja. “Portugal está geograficamente numa posição de fácil acesso, é um pouco desconhecido [...] Acho que é apelativo para alguém vir cá e entrar num palácio do século XVII ou XVIII, com um jardim — tem sempre de haver um jardim.” É a essência do “*old-world elegance*” que busca um luxo antigo, sumptuoso. E o que mais a atrai é “fazer casamentos num sítio bonito.” Os noivos “querem palácios, querem coisas bonitas. Os azulejos e a herança, é tudo muito importante.”

A The Wedding Co. — que em breve passará a ser uma marca epónima por estar a crescer, com coleções de loiça com a Vista Alegre, por exemplo — nasceu em 2007. Há cinco peças fundamentais na equipa: Jasmine, Marta, a *senior event producer* que “trata dos fornecedores, de recolher toda a informação e que gere a produção”, Paulo, “que trata de toda a parte logística e transportes” e, no período dos casamentos, uma equipa com que trabalha há mais de dez anos: Teresa ocupa-se da noiva e de detalhes do dia, e Luís



FOTOGRAFIA: HOLLY CLARK

faz toda a parte de produção. São cinco elementos preciosos, para além de todos os outros que fazem o evento acontecer, como é o caso dos hospedeiros: “Nunca tivemos pessoas em casamentos sem saber onde ficava algum sítio, como casas de banho. Nunca temos momentos mortos, nunca temos uma pessoa sem um copo na mão, sem água, sem vinho, sem sumo. É uma festa. Não podemos anular a experiência de ninguém.” É uma equipa unida, que não deixa nada ao acaso: “Todos trabalhamos em conjunto [...] Não há hierarquias, não há divisões.” Mas é muito antes do grande dia que a equipa começa a atuar, para que os convidados e os noivos não tenham de se preocupar com nada a partir do momento em que pisam o solo nacional: “Temos motoristas a irem buscá-los, temos *goodie bags* com, obviamente, pastéis de nata, águas, vinho do Porto, sabonetes... mimos portugueses. É uma maneira de apresentar Portugal.” A experiência resume-se à forma como fazem os convidados sentir-se, “o cuidado, a atenção. Sentirem que têm alguém aqui que quer saber deles, que é tudo feito à medida. Têm de se sentir especiais.”

Se *wedding planner* não é tarefa fácil, e o desafio aumenta quando se trata de noivos que “estiveram em muitos casamentos bonitos, no Lago Di Como, por exemplo. São pessoas que viajam muito, que já estiveram em muitas festas, são pessoas que têm uma vida muito mexida. O que é que eles querem? É ter um bom serviço — seja da nossa parte ou da pessoa que está a servir a comida. Portanto, a nossa preocupação é sempre corresponder às expectativas e que as pessoas não fiquem desapontadas, que corra tudo como planeado nas provas.” E há elementos que podem ser o *make or break* de uma cerimónia, explica: “Acho que quase ninguém tem noção que a parte da iluminação e do som pesam muito no orçamento total. Ter uma banda tem muitos custos, ainda por cima porque em Portugal não há bandas com a imagem que procuramos [...] temos de pedir que venham de outros sítios, na maioria das vezes de Londres. E isso encarece. A plataforma, as luzes, o *backstage*, há muitos elementos.” Além disso, a *wedding planner* coloca um ênfase enorme na iluminação dos espaços e conta-nos que, se há um elemento que gostaria de deixar claro, é a diferença colossal que as luzes têm num evento: nunca luzes brancas, sempre luzes amareladas, suaves, e até velas para criar o ambiente perfeito: “É necessário baixar tudo, não é preciso muita luz no jantar, usamos

**“SEMPRE TIVE O FOCO DE PÔR PORTUGAL NO MAPA, COMO ESTÁ ITÁLIA, OU COMO SEMPRE ESTARÁ O SUL DE FRANÇA. PORTUGAL ESTÁ A CRESCER IMENSO. AGORA TEMOS UMA COMUNIDADE ENORME DE *WEDDING PLANNERS*, PRINCIPALMENTE MULHERES, O QUE ME DEIXA MUITO FELIZ.”**

velas. Muda logo o ambiente. A luz muda os espaços, não podemos ter o mesmo ambiente em todo o lado.” Anote-se: luz suave e controlo do som. “Nunca teríamos colunas ao lado dos noivos”, por exemplo.

As preocupações de Lazzari centram-se em equilibrar as expectativas dos noivos com as possibilidades reais — e, note-se, fala-se aqui de uma realidade que é muito aproximada a um autêntico conto de fadas. “Eu sinto que enquanto empresa nos envolvemos muito com os casais, e há poucas pessoas que o fazem, talvez porque fazem mais casamentos. Nós não somos uma fábrica de casamentos, fazemos poucos e estamos muito próximos dos noivos e da família.” Afinal, isso é, nas suas palavras, “uma responsabilidade gigante”, seja porque este será, muito provavelmente,

um dos dias mais felizes da vida dos noivos, seja porque a logística pode ser desafiante. Nada pode falhar, e para isso é necessário muito tempo: “O projeto às vezes demora um ano e meio. Produzir algo fruto de um sonho é incrível. E a experiência dos noivos, vê-los felizes no dia, é fantástico. A parte mais desafiante é transmitir aos fornecedores o nível de qualidade que temos de manter. Eu tenho muito rigor com o plano de qualidade, comigo, com os noivos, com a equipa. É por isso que sou contratada por este tipo de pessoas e levo isso mesmo a sério, mas também com leveza.”

Como é natural, nem tudo corre como esperado mas, segundo a Jasmine, “normalmente não é o fim do mundo, porque temos sempre o *welcome dinner* [para reunir os convidados]. O trânsito pode ser um problema. Uma vez tivemos um casamento fantástico em Sintra. Começou em Lisboa, os noivos eram de Los Angeles, e vieram com um padre jesuíta. A primeira noite foi no Palácio Chiado, depois jantaram na Lapa e o Paulo trouxe todas as bagagens, e depois as pessoas iriam para a igreja de Santa Maria em Sintra, onde seria o casamento. Nesse dia havia um furacão, e quando a noiva saiu uma árvore caiu na rua, então houve um atraso de 40 minutos [...] Os imprevistos não dependem de nós, mas depende de nós agilizar: temos música, e empregados sempre prontos a ajudar.” Há sempre um plano B, mesmo em casos de chuva: por vezes, “os noivos não querem admitir que vai continuar a chover. É quase como entrar em estado de choque. Então [o segredo] é um pouco a forma como lidamos com isso, e ter equipas fantásticas para mudar.”

**“NINGUÉM QUER FICAR À MESA MUITO TEMPO. NOS NOSSOS CASAMENTOS ISSO NUNCA ACONTECE. NORMALMENTE, NA ABERTURA, AS PESSOAS SENTAM-SE E OUTRAS FAZEM DISCURSOS — NÃO ABDIQUE DISSO, É INTERESSANTE, BONITO, PESSOAL. É UMA FORMA BONITA DE DIZER OBRIGADA ÀS PESSOAS.”**

Apesar das circunstâncias serem, por vezes, desafiantes, Lazzari confessa não se ter cruzado com uma autêntica *bridezilla*: “Esta é uma indústria grande e é comum [focar-se na] experiência da noiva, como vemos no Instagram: a forma, as poses, as roupas, influenciam muito uma pessoa. Sinto que as noivas têm expectativas mais elevadas, veem muito a imagem delas em público. Há dez anos a preocupação com a imagem não era tão forte. Isso é um elemento muito importante, por isso temos de escolher bem quem contratamos: o fotógrafo, o maquilhador, o cabeleireiro. Temos de ter noção de quem temos à frente e a sua expectativa. Eu já tive algumas situações, mas não diria que são *bridezillas*. Nós somos muito organizados, e temos muita comunicação, é essencial para nós. Não comunicar com as noivas é o pior que se pode fazer.” Na verdade, e por oposição às *bridezillas*, as noivas com que Jasmine costuma trabalhar são, muitas vezes, excêntricas e divertidas, conta-nos, recordando um casamento que organizou no Palácio Marquês de Fronteira em que “[os noivos] queriam um tigre. Nós dissemos que não poderíamos fazer isso, que toda a gente iria ter medo e ninguém quereria trabalhar. Por isso, tivemos um tigre embalsamado de dois metros que veio de Espanha, e tivemos pavões. Foi assim o casamento. A alcunha da noiva era ‘Bunny’, então mandei fazer uns coelhos com o nome dela. Foi muito giro, e foi um casamento marcante porque foi diferente e inesperado.”

Mas passemos agora às dúvidas e preocupações que inquietam os noivos. “A primeira coisa a fazer quando ficam noivos é saber quantas pessoas querem no casamento. Eu digo sempre aos noivos portugueses, ‘não é um funeral, não temos de convidar todas as pessoas que conhecemos’.” Jasmine Lazzari deixa este ponto bem claro, mas também apresenta sugestões: “Porque não convidar a colega de trabalho [de quem gostamos mas que não nos é tão próxima] apenas para a pista de dança? É o mesmo em relação às crianças: adoro crianças, são maravilhosas, e devem estar na igreja, mas depois devem ir para casa, porque uma criança só tira visibilidade à noiva. Não há nenhuma criança no mundo que não

fique mais tarde aborrecida, que comece a chorar, e ninguém controla isso.” E como abordar esta questão? No convite, dizendo “as crianças são bem-vindas, até ao copo de água”, por exemplo. “Tudo se coloca no convite, tal como o *dress code*, que é muito importante. Temos de vestir de forma elegante: há cores que não deviam ser usadas. Por exemplo, o vermelho fica muito forte na imagem. E há sempre uma mulher que vai com um vestido vermelho ou cor creme. É chato. São coisas pequenas mas que são importantes.” Além disso, recomenda ainda que se deixe expresso, caso assim se deseje, que não será permitido captar imagens com o telefone durante a cerimónia – pode estragar o momento e, além disso, há sempre uma equipa de fotógrafos cuja função é fazer precisamente estes registos. Sobre presentes e transferências bancárias, a abordagem a fazer no convite é muito simples: “Já tivemos isto num casamento muito formal e no convite dizia ‘aqui está o NIB’ em caligrafia. Muito simples. E em caligrafia fica tudo mais bonito, claro [risos].” E, já que falamos tanto em convites, qual a antecedência apropriada para os enviar? “O *save the date* é muito importante, pode ser feito logo que tenham a data. O convite pode ser enviado quando faltarem cerca de três meses, e deve vir com muitas instruções, e o ‘como chegar’. Não convém ter pessoas a ligar a questionar direções. Nem toda a gente mexe com as tecnologias da mesma maneira, portanto é necessário deixar tudo muito claro e tradicional. Há quem precise de ter um *site*, porque isto implica viagens, estadias, transporte. O *timing* é muito importante.” Aliás, a par com a iluminação e o som, o *timing* é o outro fator crucial para o sucesso de um evento: “Onde é que é a cerimónia e onde é o copo de água? Temos de viajar, temos transporte, quanto tempo demora? Têm de se registar as coisas. É preciso uma *timeline*.”

A logística é determinante, dos horários às fotografias, e tudo deve estar programado: “Se os noivos querem fotografias tradicionais, então são momentos em que temos a equipa a tratar disso, e dizem ‘irmãos aqui, avós aqui’, mas tem de ser rápido.” E, para quem não tem ao seu dispor este tipo de equipas, Jasmine Lazzari sugere “ferramentas de *wedding planning online*” que se podem descarregar, ou, por outro lado, encontrar uma pessoa da família que seja organizada para coordenar estes momentos. Relativamente a horas, a hora perfeita para começar a cerimónia depende se esta é religiosa ou não, mas a duração máxima de um casamento deve ser de doze horas. Pessoalmente, revela, nunca faria um casamento ao meio dia, porque a luz está muito alta e pode estar muito calor. O *cocktail* não deverá exceder uma hora e meia e a hora ideal para começar o jantar será durante o pôr-do-sol. Uma dica: para quem considera o momento do bolo constrangedor, pode fazê-lo imediatamente a seguir à cerimónia: é ideal para quebrar o gelo e fica “logo despachado.”

**N**o que à estética diz respeito — indubitavelmente, um dos pontos mais importantes —, tudo tem de ser pensado em função dos gostos dos noivos, mas olhando para a decoração como uma forma de refletir a “*old-world elegance*” que Jasmine tanto enfatiza, ao invés de pensar em tendências. “É melhor ter menos mas bom, do que muito e mau. Temos também de pensar na sala, como é que ela é. Por exemplo, uma sala só com velas é muito elegante e muito bonita. Mas nessa sala há ar condicionado? Porque vai-se tornar muito quente. [...] Vemos muitas imagens no Instagram sem contexto. [...] Não estraguem a estética da mesa por uma coisa. Não pensem muito nas tendências, pensem no que gostam. Sendo que, na minha opinião, um casamento deve ser mais ou menos intemporal”, embora isso não signifique aborrecido ou discreto: “Eu já fiz um casamento com uma toalha roxa e cadeiras verdes, o meu próprio casamento era tudo menos *timeless*, e não precisa necessariamente de o ser. Mas um casamento *timeless* pode-se refletir nas imagens.” A cor, a luz, o ambiente; tudo contribui para a harmonia do espaço e ter uma mesa bem composta “tem várias camadas”: nunca queremos uma cópia, mas sim algo que reflita a personalidade dos noivos. Além disso, é importante “investir em flores da época [...], tem de ser uma flor que esteja bonita na altura e [preferencialmente] com uma cabeça grande e bonita, não algo fechado.” É importante ter ideias e inspirações bem definidas, e não ceder a modas muito passageiras: “Há imagens que estão na moda e que acho que não são adequadas para um casamento, como o *blurry*. O *black and white* é bonito e muito elegante, mas a cor dá muita vida — e um fotógrafo tem de ter muitos anos de trabalho para saber fazer isso.”

Para além dos erros na fotografia, outra grande falha é não fazer o plano das mesas com antecedência: “Temos no nosso contrato que o plano de mesa tem de estar acabado — principalmente porque os nossos convidados são de fora — oito dias antes do evento. É o mais difícil a fazer. [...] É a única coisa que não conseguimos organizar. Mas cai na nossa responsabilidade, porque, no dia, sentar as pessoas é nossa responsabilidade.” E Jasmine, aqui, é a favor de contradizer a tradição, podendo separar os casais nas mesas: “Já estive num casamento, há muitos anos, como convidada, de uma família tipicamente portuguesa, muito grande, e lembro-me que o pai ficou numa mesa e a mãe noutra, a liderar cada uma. Acho que



tem de se misturar as pessoas, [tendo em mente que] não pode ter uma pessoa introvertida ao lado de uma pessoa que não conhece.” Algo que também sublinha é a importância da refeição não durar uma eternidade e de não ter dezenas de pratos (também para evitar desperdício): “Ninguém quer ficar à mesa muito tempo [...]. Nos nossos casamentos isso nunca acontece [...]. Normalmente, na abertura, as pessoas sentam-se e outras fazem discursos — não abdique disso, é interessante, bonito, pessoal. É uma forma bonita de dizer obrigada às pessoas. É delicado e educado.” Mas, depois, podem servir-se primeiro os noivos, e posteriormente ir servindo as diferentes mesas à medida que estas terminam. “Não é um banquete, não é um jantar de Estado. Claro que todos querem jantar, mas é numa hora e meia.” A par disto, os noivos não precisam de percorrer todas as mesas e cumprimentar os convidados: é “*old fashioned*” e vai atrasar mais o processo.

Os conselhos finais de Jasmine Lazzari incluem “ter noção do mercado, dos fornecedores, e de que o que existe no Instagram pode não ser a realidade.” E é crucial seguir as suas recomendações: “É muito importante ouvir e pensar ‘vou deixar este projeto para os profissionais, vou-vos contratar e vocês tomam conta de mim, da minha família e dos meus convidados.’ Além disso, apenas *have fun* e *take it as a journey* [encare o processo como um caminho]. Nada disto é pré-formatado.” Por último, a *wedding planner* sublinha a importância de que os noivos reservem um momento para si, entre a agitação: “Tempo pessoal e íntimo para os noivos nesse dia é mesmo importante, [...] dão por vocês e já passou o dia. Digo sempre isso à noiva: “Este é o momento, o agora.” ●

English version

